



*Televisão e computador: repensando a sociabilidade mediada da contemporaneidade*¹

Maria Julieta Nunes de Souza¹

O texto pretende focar formas de sociabilidade originadas em interações mediadas pela televisão e pela Internet e aspectos dos espaços públicos que conformam. Capaz de atrair a atenção e observação de grande quantidade de pessoas em torno a uma mesma mensagem, a televisão é concentradora, mas gera espaço público apenas fora de seu âmbito interno. Atingindo um universo de usuários potencialmente muito mais amplo, a Internet se caracteriza pela dispersão de ‘público’, tendendo a substituir um mundo comum único por milhares de noosferas, fundando uma sociabilidade de comunidades compartilhadas relativamente isoladas entre si, como espécie de cidadelas virtuais. Estas duas mídias da contemporaneidade, mostram-se em linha de continuidade com tendências ao recolhimento e refúgio na esfera privada instalada na modernidade, aprofundando o processo de interiorização e privatização de funções e atividades próprias à esfera pública.

Palavras chaves: televisão; Internet; público e privado

1. Introdução:

Multidão e pobreza foram duas condições essenciais no condicionamento das novas formas de sociabilidade geradas na modernidade. O capitalismo e a industrialização se deram sob essas duas marcas. Lidar com a proliferação do estranho sendo este no mais das vezes pobre, a ameaçar concretamente - buscando resolver na marra a distribuição de renda que o ‘sistema’ não logrou alcançar - ou simbolicamente, a encarnar o fracasso da modernidade, um outro lado nada ‘iluminista’, foram questões que desde muito cedo a metrópole capitalista em formação teve que lidar. Privatizar, isto é, ‘intimizar’ a vida, construindo um espaço seguro, protegido, de dedicação e amor garantidos, de ‘caras conhecidas’ e previsibilidade, um lugar da ordem e beleza, que o regime de pureza da modernidade erigiu, nasce como uma das

¹ Arquiteta pela FAU-UFRJ, Mestre em Planejamento Urbano e Regional pelo IPPUR/UFRJ. Doutoranda em Comunicação e cultura da ECO/UFRJ. Professora Assistente do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora - MG.



soluções do problema. Tendo que assumir da ‘cara lavada’ os desafios de um mundo secularizado e autenticizado, que cobra responsabilidades sem recursos de mascaramento ou outros subterfúgios, recolhimento e ‘privatização’ das relações se apresentou como alternativa transferindo, tanto quanto possível, ações da esfera pública para dentro de casa, como revela Sennett, e por outro lado resvalando para o ‘público’ parâmetros típicos do universo íntimo, transformando os termos que regem as relações de sociabilidade em formas próprias da intimidade.

De lá para cá muito mudou, não porém essas tendências. Os meios de comunicação permitiram seu aprofundamento, disponibilizando a gradual interiorização da esfera pública, iniciada com a imprensa periódica. A partir de então, os termos das relações de sociabilidade têm sido fortemente alterados pelo rádio e o telefone. Mais recentemente, no pós-guerra a televisão e a instalação da rede entre nós afetaram intensamente estas relações. Criaram ‘espaços públicos’ de nova ordem, instauraram novos códigos de interação, novas motivações para as trocas sociais e novos cenários onde elas devem acontecer.

2. Televisão:

Preocupado em demarcar limites temporais da modernidade, Anderson entende que “Se há um isolado divisor de águas tecnológico do pós-moderno, ei-lo.[...] A invenção que mudou tudo foi a televisão. Foi o primeiro avanço tecnológico de importância mundial no pós-guerra.” (1999:104) O significado dessa mídia como um dos paradigmas mais marcantes das mudanças que fundam um novo modo de vida no quartel final do século XX, pode ser atribuído, essencialmente, à capacidade de gerar um imenso ‘espaço público’ descolado do mundo físico associado à imagem e trazido para o interior do domicílio.

Comparativamente às mídias anteriores, a televisão foi capaz de atingir um universo incrivelmente mais amplo. Seu ‘consumo’ não exige nenhuma habilidade específica: o rádio já havia tornado mais cômoda a fruição, oferecendo a mensagem transmutada em som. A televisão foi além, disponibilizando em uma só tacada o pacote completo: narrativa e imagem prontos para serem consumidos. A potencialidade desta tecnologia, sobretudo a partir do uso de satélite, permitiu que a mensagem se projetasse infinitamente através do espaço. Os preços acessíveis ao mercado, ao menos no caso brasileiro, decorreu em estrondosa difusão, permitindo a formação de rede planetária que incluiu também população de faixas de renda



menos favorecidas. A grande imensa quantidade de pessoas ‘ligadas’ à tela foi condição fundamental de criação, bem como das características específicas do espaço público que criou.

A televisão instaura com seus espectadores uma relação centrada, em que poucos (da TV) são assistidos por muitos (espectadores). Na trilha do rádio, cria um espaço público autônomo, de características inteiramente inéditas. Seus membros são espectadores, pouco quase nada podem trocar diretamente com a televisão e só se comunicam entre si independentemente (ou fora) desta. Ou seja, como ‘público’ este ‘espaço’ é bastante assimétrico no sentido de quem tem o poder da palavra, quem ‘dá as cartadas’. O limite do poder do espectador é o ato de desligar a TV ou mudar de canal, duas razões que a tornam ainda mais sedutora e persistente: ela deve ‘segurá-lo’, comprometendo-o com a continuidade da observação.

Os dois universos que compõem essa relação, os (poucos) de ‘dentro da tela’ e os (milhares) ‘fora da tela’ estabelecem entre si relações de pura visibilidade, com reduzidíssimas condições de reciprocidade². Além dessa relação hierarquicamente verticalizada, os de fora realizam relações horizontais entre si, que giram em torno à programação oferecida. Comentários sobre programas, novelas, jornais e outras atrações motivam a formação do mundo comum construído entre os ‘muitos’. Ocorrendo ‘fora’ da tela, na continuidade formada pelos espaços público e privado, mundo(s) próprio(s) é(são) gerado em torno às ‘atrações’ televisivas.

O espaço público fundado pela televisão é compartimentado: cada programa cria um mundo comum particular. Em certo sentido, adianta um pouco aquilo que ocorre com o computador ao demarcar um ‘público-espectador’. Os espectadores tendem a utilizar expressões idiomáticas próprias e mesmo incorporar a ótica a partir de um viés orientado pelos seus programas favoritos. Quanto maior a expansão da TV e mais descentralizada a locução, maior a multiplicidade de espaços públicos fundados.

A televisão é objeto doméstico, como já era o rádio: basta ser ligada para trazer o mundo para dentro do nosso habitat, evitando a estranheza de algo que vem de fora (como o jornal), com peso simbólico diferente. Mistura-se à nossa vida cotidiana de diversas maneiras: dado que as atrações televisivas obedecem a uma programação (atração/tempo) ela tende a

² Salvo nos atuais recursos de ‘interatividade’ adotados mais recentemente, que de forma nenhuma alteram as condições de não reciprocidade das relações.



estender para a vida pessoal e familiar seus regimes próprios de tempo. Com o uso intenso, não há o que planejar: sua programação planeja a vida por nós. E sem planejamento de vida, sem definição de futuro, tende a desaparecer investimentos de realização, isto é ação. Resta então, esperar pelo próximo programa, ‘preenchendo’ o tempo.

A televisão reforça o processo de ‘domiciliação’, de refúgio ao lar, de privatização da vida cotidiana. O jornal instalou essa tendência, mas sendo ‘portátil’ e adquirido na rua, confundia-se com a vida pública e com a cidade, algo de fora trazido para dentro de casa.³ O caráter *eletro-doméstico* não portátil da TV, reforça tendência à fixação e ao recolhimento. Agindo em conjunto com outros fatores intensificadores da intimidade presentes no mundo burguês, por ela o espaço público é trazido para dentro de casa, sendo esta interiorização ingrediente decisivo para sua eficácia. No sentido que dá Bachelard, a moradia é, comumente, o lugar onde o poder de imaginação adquire maior liberdade, onde as forças inibidoras do ego encontram-se mais relaxadas dando lugar à fantasia e imaginação. Nesse ‘lugar’, nosso espaço interior, é que convive a televisão. Sua capacidade de misturar-se às nossas fantasias interiores é potencializada pelo estado de ‘entrega’ em que nos encontramos no nosso lar.

A visibilidade simultânea por milhares de espectadores aos (literalmente) iluminados de dentro da tela gera a hiperexposição de que falam autores como Baudrillard e Virilio, que resulta numa enorme concorrência entre diferentes ordens de interessados em desfrutar do mágico momento de ser avistado por todos. Na lógica do binômio exposição-mercado, a hiperexposição se traduz no que Bourdieu e outros identificam como *ditadura do índice de audiência*. A quantidade de espectadores é o que se persegue; ela significa poder de visibilidade e ser visto se traduz em maior capacidade de consumo (seja compra ou consumo simbólico). Se o que está em jogo é número de espectadores, parece que a decorrência direta é oferecer produtos de mais reduzido grau de rejeição, significa levantar o menor número possível de situações com potencial de discordância, arriscar pouco, ou seja dizer o que ‘todos’ querem ouvir.

Não se nega que a televisão promoveu uma gigantesca circulação de notícias, o que lhe deveu o título de “veículo”, mas nela tem predominado, ao menos no caso de países como o Brasil, aquilo que Bourdieu chama de programas de ‘variedades’, que se definem pela

³ . Fazia parte do ritual de leitura do jornal sua ambientação na rua, nos salões, nas praças e espaços públicos urbanos, que se seguiam de trocas das informações e notícias de que era portador. Tudo isso torna a identificação do jornal com o território urbano bem mais substancial, alternando público e privado de maneira harmônica.



anulação do conflito. Apela a uma forma de prazer e deleite, presentes em programas como o do Ratinho, Silvio Santos, Gugu Liberato, Faustão, líderes de audiência, que reconhecidamente acentuam aspectos atrasados de nossa formação, como o preconceito, a banalização, o apelo sexual gratuito, o deboche do diferente e a invasão de privacidade, a afirmação de poder de seus ‘animadores’ a partir de expedientes de estereótipos e preconceitos desgraçadamente encrustrados na nossa subjetividade.

Do lado do receptor, estes artifícios são facilmente acolhidos por preencher o tempo que, do contrário, poderia estar sendo ocupado com preocupações, e portanto, conteúdos mentalmente mais trabalhosos. O esforço é de afastar conflitos proporcionando ao espectador num estado de alienação entorpecente, dos problemas reais do dia a dia e de sua responsabilidade pessoal, social e familiar.

Aspectos desse mecanismo de alienação levantados por Bourdieu, apontam, também, para o empobrecimento de uma lógica reflexiva por razões que decorrem das relações entre velocidade e pensamento. Definido por uma sucessão de operações lógicas, o pensamento exige um determinado gasto de tempo para efetuar. Ao acelerar a velocidade de exposição de imagens, a televisão impõe um ritmo insustentável às demandas de tempo das operações do pensamento. Como contrapartida ao excesso, resultaria numa espécie de sublimação, ‘ato de entrega’ da reflexão lógica em favor de um ‘puro deleite’, um abandono, passividade, que se aproximaria de um estado de hipnose. Para rebater essa desterritorialização permanente que impede a fixação do pensamento por uma imagem sempre fluida e temporária, a fixidez da televisão é conseguida pela repetição. É o mesmo programa, em que as regras ficam claras mesmo antes da estréia. Ou as novelas que investem na criação de laços com personagens pelo ‘seriado’, que se desenvolve no tempo.

O afrouxamento da capacidade de crítica pelas condições mostradas, faz com que o sujeito-espectador ofereça pouca resistência à absorção de ‘idéias’, acolhendo o que dela vem como *verdade*. A televisão não se deixa identificar por um responsável.⁴ Essa indeterminação, eleva sua voz a uma espécie de divindade, uma divindade ‘científica’, portadora de *verdade*. A legitimação desse poder se deve aos milhões de espectadores, que

⁴ Em suas ácidas críticas às atuais formas que assume a televisão como instituição cultural, Bourdieu argumenta ela exerce uma “forma particularmente perniciosa de violência simbólica. “A violência simbólica é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la.” (22)



por um lado, simultaneamente acompanham a TV e, por outro, acompanham as repercussões nas relações que suas mensagens instauram entre si e que confirmam o senso comum. Basta se observar os murmúrios das segundas-feiras: os médicos, especialistas, advogados, etc que se tornam públicos pelo Fantástico, cuja importância é conferida pela possibilidade de estar lá na TV (ser chamado pela equipe do Fantástico), são revestidos de grande autoridade por encarnar a legitimação da própria televisão. Suas palavras tornam-se *verdade* quase incontestável.

Mais recentemente, com a fragilidade do significado de ‘poder público’ do Estado, a televisão tende a incorporar um papel de centralizador e julgador das ações, um papel que se assemelha a uma espécie de Ministério Público⁵, a partir da legitimidade conferida pelo crédito de ‘milhões de espectadores’. A televisão aparece às vistas da população menos esclarecida como entidade privada, independente do sujo jogo de poder e corrupção e plenamente democrática, pois garante a palavra a quem desejar dela fazer uso. Um caráter meio *omnibus*, uma grande ONG, pautada em sentimentos de solidariedade, onde se pode reclamar e onde a reclamação tem chance de sucesso, ou pelo menos se tornar conhecida de muitos. Afinal a experiência prova que os casos abraçados pela TV chegam com bastante frequência a um desenlace esperado.

Embora a tecnologia da televisão encerre a potencialidade de um amplo exercício de conhecimento e contato com outras realidades, é notório que este fator não predomina nesse momento. Não se pode pensar em tecnologias como ‘potenciais tecnológicos’ mas sim como formas concretas de manifestação no mundo real, incorporando as linhas de força que nele habitam, ainda que repousem ocultas. Um bom exemplo disso foi a explicitação com a chegada da TV a cabo. Teoricamente, ela permitiria o desmanche de muitos dos argumentos acima sobre o poder alienador da TV: variadíssima programação; múltiplas ofertas de filmes e outros programas de entretenimento de interesse bastante variado etc. Sendo pagas (e bem pagas) a TV a cabo ou satélite restringiu enormemente o universo de adesão, além dos entraves tecnológicos limitantes de sua ampla oferta. E resultou em empobrecimento da TV ‘aberta’, aquela que alcança verdadeiramente a ‘massa’, pois ofereceu uma alternativa de programação de nível mais elevado ao estrato da população mais exigente (e rico), que

⁵ Órgão encarregado de cobrar o funcionamento da máquina estatal, no cumprimento de suas funções sociais. Por enquadrar-se no corpo estatal, costuma perder as disputas com a televisão na credibilidade recebida pelo público-espectador.



migrou para esta, elevando proporcionalmente o peso específico da população menos exigente naquela. Após a introdução da TV a cabo e satélite proliferaram programas como do Ratinho e muitos outros, voltados às camadas menos esclarecidas da população, obrigando a um rebaixamento de todos os canais competitivos, como declarado por produtores culturais de televisão. Ficou às claras que potencialidades tecnológicas em lugar de realizar avanços, curvam-se a condições irremediavelmente incrustadas na realidade, tornando o efeito contrário: invés de melhorar, piora. Para ser mais rigorosa, melhora para alguns poucos que podem e piora para os muitos que não podem e poderão cada vez menos, pois a profundidade do fosso aumenta.

Foucault mostrou como a ‘sociedade da disciplina’ se apoiou na configuração dos espaços físicos para o controle de corpos. Com Haussman, o espaço público da cidade foi fisicamente modelado no sentido de disciplinar corpos à dominação burguesa. Como penso ter mostrado acima, a televisão também disciplina corpos. Na quase que obrigatória visitação ao espaço por ela gerado, o corpo é desarmado de sua capacidade de ação, resumindo boa parte de suas faculdades sensoriais e cognitivas ao olhar à TV. Situado em seu domicílio, o sujeito se entrega ao deleite das imagens. Com a televisão, o disciplinamento do corpo pode ser operado dentro de casa.

Os mecanismos de vigilância do biopoder sabem o que as famílias brasileiras fazem nos dias de domingo: vêem Fantástico e consomem as mercadorias (e idéias) apresentadas, tanto durante o programa como nos intervalos comerciais. Se pelo panóptico a disciplina dos corpos era garantida pelo fantasma da permanente vigilância de muitos por um, pela televisão o mecanismo torna-se um pouco mais sofisticado. A credibilidade e o prazer garantem que os que assistem desejem converter-se no que vêem. A televisão apela à imitação, age por sedução e não por coação. Por essa razão, a invisibilidade do mecanismo cresce, sendo mais fácil a entrega. O corpo se entrega ao fascínio, faz-se maleável e plástico.

Maleável antes de mais nada para o consumo. Embora não se reduza a isto, assistir à TV significa em grande parte, consumir: consumir diretamente as mercadorias apresentadas ou preparar um consumo futuro, manejando produtos simbólicos na forma de sedução. É preparar o corpo e a mente para ao gosto, o hábito, a moda, o status cujo passo final é a aquisição e consumo. Maleável também no sentido de adotar as ‘soluções’ e caminhos



indicados na tela, que prometem (e mostram resultados por sedutoras imagens) felicidade e realização.

Os mecanismos do biopoder abandonam a cidade, ou melhor, abandonam prioritariamente o espaço público fisicamente definido, e criam um espaço público autônomo, com um potencial de controle e disciplinamento do corpo muito maior, pois captura a atenção, impede sua dispersão colocando-o à disposição do ‘material simbólico’ veiculado. A cidade, nesse sentido, já não oferece tantas possibilidades de atração. Já não se trata de extrair modelos de vida de pessoas a partir dos espaços públicos, pois estas estão ‘habitando’ (com os olhos) os espaços públicos construídos na tela, mas imitar a modelização apresentada na tela.

Se na metrópole urbana do século XIX a multidão atônita com a quantidade e intensidade dos contatos, responde à hiper-estimulação com o anonimato e a atitude blasé, as massas da megalópoles televisiva são bombardeadas por toda sorte de estímulos visuais, produzindo formas análogas de lidar com estas. O bombardeio de signos, que se manifesta na televisão pela sucessão de imagens, cores, simbologias, em grande velocidade, e provoca no limite uma hiperestimulação que tende a ser compensada com apatia e alienação. A qualidade estética evoca sedução impondo ao espectador um permanente estado de excitação, com várias repercussões desestimulantes sobre seu mundo real, como tem alertado autores. Passividade e entrega corporal aos encantos dessa máquina maravilhosa são ‘patologias’ geradas pela televisão.⁶

3. Computador:

As condições já estavam dadas. Com a televisão, o indivíduo foi longamente preparado para postar-se frente à tela e acreditar nesta como provedora de proteção e prazer. Vários componentes estavam lançados desde muito antes. E, curiosamente, entrou na nossa vida não por esse lado, mas sim pelo trabalho. As antigas ‘máquinas de escrever’ sendo aperfeiçoadas, substituídas por engenhocas que descolavam os serviços de ‘datilografia’ do de ‘edição’ do texto e que, além disso desempenhavam funções de ‘organizador’, pois instauravam um arquivo pessoal, pela memória do que era ‘salvo’. Isso abolia certa quantidade de papéis, de funções, de movimentos corporais e atividades e até de mobiliários

⁶ A ‘hipnose’ provocada pela TV é encarada com humor no clássica quadro em que se atribui ao cão superioridade ao homem por ser o único ‘membro’ da família capaz de dar uma basta ao entorpecimento coletivo da família, desligando a TV.



de escritório, todos concentrados em uma mesma máquina, que pela ‘singularidade’ de arquivos, dados, textos, assuntos, se definiu logo com cara de pessoal.

Os primeiros sinais de entretenimento vieram com os *joguinhos*, que logo se tornaram sucesso, rapidamente difundidos. E, com isso, o mesmo aparelho que permitia o trabalho, guardava coisas, mantinha um arquivo vivo e pronto para reprodução a qualquer tempo, podia agora também, alternar momentos de prazer e descontração dentro do ambiente de trabalho.

Quando ainda se comemorava os benefícios gerados pela introdução dessa máquina na esfera do trabalho, foi lançada a Internet. Os aparelhos de *fac-simile* já haviam ampliado enormemente as condições de transporte de mensagens escritas, mas sua complicada manipulação era o gargalo. A Internet significou uma agilidade sem precedentes no intercâmbio de mensagens. Trouxe para dentro dessa máquina um banco de dados de alcance mundial, conformado por uma heterogeneidade de formas incalculável, disponíveis para a manipulação de qualquer um. É como se pudéssemos incluir na nossa gavetinha pessoal, fragmentos de *textos*, no sentido múltiplo do termo. Mas numa gaveta sem fundo, pois dentro nela cabe o mundo, nossa seleção do mundo.

Instado de maneira tão gradual e respeitadora, como que se deixando conquistar aos poucos, antes facilitando a obrigação do imprescindível trabalho, depois mostrando uma outra face, lúdica e de prazer, e abrigando uma radical ‘democracia’ de servir a qualquer desejo sem nenhum rigor moral ou social, obedecendo fielmente à vontade do usuário sem contestação, o computador conquistou a todos que puderam conhecê-lo até aqui. Ele não se opõe a nada: é como alguém já falou, uma espécie de ‘gênio da lâmpada maravilhosa’ sempre pronto a servir sem impor condições.

Uma tal ‘máquina maravilhosa’ logo se tornou indispensável para aqueles que podiam usufruir, deixando o espaço de trabalho e se introduzindo rapidamente no espaço da intimidade. A domiciliação do computador coincidiu com mudanças na esfera do próprio do trabalho, marcadas pela chamada acumulação pós-fordista, que produziu, entre outras tendências, com auxílio de computadores, um vetor de interiorização do trabalho à esfera privada domiciliar. Com a Internet o computador pessoal trouxe para casa diversão e informação, banco de dados, instrumento de trabalho e *desktop*, todo um novo arsenal de mecanismos (*softwares*) para a produção (textos e imagens) e edição de trabalhos de inúmeras naturezas e, *extra*, a possibilidade ilimitada de intercomunicação em nível planetário, gerando



um enorme ‘espaço público’ de caracteres e alcance absolutamente novos na experiência humana.

Tudo isso trazido para dentro de casa, trabalho misturando-se com moradia, espaço público adentrando espaço privado de forma ainda mais decisiva do que com a televisão. Antes, se a localização de instrumentos de trabalho em locais apropriados organizava a separação casa - trabalho de atividades, agora um amplo leque de equipamentos e dispositivos de trabalho adentrou a moradia, embaçando esta separação. Se no mesmo lugar que usamos como lazer e entretenimento doméstico, encontra-se, também todo o nosso material de trabalho (inclusive arquivos, dados etc) tendemos a prolongar nossas tarefas no interior do lar.

A televisão, como dito, ‘invadiu’ o espaço privado trazendo o mundo para dentro de casa; o computador completou esse serviço, interiorizando o trabalho e as mais diversas atividades antes realizadas no espaço público do mundo físico, ou seja, da cidade. E fundou mecanismos de interação tão perfeitamente elaborados que significaram a própria duplicação do cenário da vida cotidiana, desdobrando nossa experiência em duas dimensões: material e virtual. E com isso, é claro, vem alterando radicalmente não apenas as idéias de ‘público’ e ‘privado’ como todos os aspectos da vida, trabalho e sociabilidade e da própria cidade, replicada em seu interior.

3.1 Internet e televisão:

Enquanto o mundo comum e o espaço público instaurado pela TV ocorre basicamente ‘fora’ do vídeo, no computador este se dá dentro. Em outras palavras, o computador funda um espaço público no seu interior onde reside também a miríade de textos, que é trazida para dentro da nossa esfera privada, convivendo em alternância com o nosso mundo mais íntimo. Presença na tela significa imersão. A televisão atrai nossa atenção pela audição, mas basicamente pelo olhar. O computador exige de nós presença: estamos lá e isso implica responsabilidades na sustentação de papéis. Quando interagimos via computador, não há como descolar os olhos da tela. Devemos orientar o desempenho de papéis e isso exige significativos esforços de atenção.

Algumas razões fazem a diferença entre TV e computador: em primeiro lugar, as conexões na rede instalam interatividade muito mais abrangente no que respeita à nossa



presença e possibilidade de intercâmbios, um grande entrave que a televisão teve que lidar⁷. Quanto ao domínio, essa *interação* é do tipo TODOS e TODOS: significa que, no interior do ciberespaço, virtualmente, qualquer um pode conectar qualquer um ou qualquer coisa. Rompe-se a verticalidade e passividade da comunicação centrada num mesmo polo emissor, instalando uma horizontalidade que assegura, para aqueles que possuem essas máquinas, possibilidades de interação infindas, capazes de abarcar geograficamente todo o território do planeta.

O ciberespaço se configura em forma de rede. Define um ambiente acentrado onde seus elementos guardam ubiqüidade entre si, equivalentemente dispostos sem hierarquias ou qualquer ordem perceptível. A ordem ou verticalidade capaz de tornar possível a fruição de suas ofertas deve ser estabelecida, então, pelo usuário: ou seja, o acentramento dos elementos no ciberespaço é compensado por centramento no indivíduo. Um *egocentrismo* se instaura, organizando as disponibilidades da rede a partir de demandas pessoais, que encontra eco em outros campos da vida social contemporânea. Personalização é uma dos mais marcantes traços das relações estabelecidas no mundo virtual, que atravessa todos os aspectos concernentes à vida na rede.

Em segundo lugar, muitos dos textos circulantes no ciberespaço podem receber nosso aporte, acrescentando elementos novos numa colaboração múltipla e anônima que gera um produto magnificamente coletivo de nova ordem. A Internet deixa transparecer junto com o produto sua própria geração, da qual podemos até participar. Nesse sentido se pode falar de uma transparência, ou melhor de uma coincidência forma x conteúdo, que se unificam face a um produto em permanente estado de produção. O *plano de imanência* parece ser a figura que expressa mais claramente essa idéia. Abole-se a oposição ‘área da fachada’ x ‘a área de fundo’ das interações, explicitada por Goffman, reforçada com a apresentação de coisas sempre prontas marca da modernidade, da industrialização, e da própria televisão..

Em terceiro lugar, pelo computador nos mantemos ‘ativos’: uma *navegação* se instala em lugar da mera continuidade de imagens como na televisão. A sucessão de ‘textos’ resulta da ação consciente de nossa parte, por desejo e ordem representados pelos cliques que

⁷ Interatividade da TV prende-se ao meio telefônico, muito limitado pelas atuais demandas de participação desde que a responsabilização de atribuições antes públicas, passaram a recair sobre o mundo privado.



autorizam e comandam imagens que se alternam na nossa tela⁸. Pelo computador, ‘damos as cartas’, mantemos o domínio do que será apresentado, de quando será apresentado e em que velocidade a exposição ocorrerá. Assim, comparativamente à televisão, embora lide igualmente com um ‘universo’ de imagens fragmentadas governadas por ‘cliques’, o computador tem significado inteiramente diverso.

Salvo grande coincidência, uma navegação nunca é idêntica à outra. A personalização atua muito mais fortemente nesse meio, associando capacidade de escolha à ampliadíssima diversidade de produtos disponíveis. Isso proporciona uma possibilidade inigualável de aproximação da coleta realizada ao nosso desejo e torna a navegação um trajeto estritamente pessoal.

3.2 Sociabilidade na Rede:

O grande diferencial nos intercâmbios fundado na Internet se deve às novas formas de interação que se abrem. Como já dito, algumas destas passam pela representação do usuário no ciberespaço, que dependem de um sinal de presença que aparece na tela. Presença significa aí a própria ‘vida’, existência no interior desse lugar em que o voyerismo, por exemplo, pode se confundir com inexistência, em que ser é estar e quem não está simplesmente não é, isto é inexistente para o coletivo que interage. É um mundo ‘positivo’ instaurado e atualizado por manifestações visíveis no interior do espaço virtual.

Duplicidade da identidade marca nossa presença no mundo virtual: desdobra-se o eu real num ‘eu’ replicado na tela, o ‘eu’ visto por todos e por nós mesmos. Aparecemos de várias formas na tela, em representação que se sofisticam dia a dia. Destacarei aqui as utilizadas com mais frequência que transparecem com mais clareza as tendências da nova sociabilidade da rede.

Para facilitar o entendimento, podemos dividir a presença na rede em *permanente* ou *temporária*. A permanente consistiria na criação de *sites*, por *Homepages* e sua mais atual derivação, os *Blogs*. Por formas temporárias estou entendendo intercâmbios pelo correio eletrônico, e mecanismos interativos existentes nas Listas, *Chats*, *ICQs* e outros, que *visitamos*, ou seja, permanecemos por tempo limitado e nossa presença coincide com a mensagem, sendo de menor duração. Ambas as modalidades implicam estratégias de presença

⁸ Os cliques de controles remotos da televisão permitem apenas optar entre ‘assistir’ uma sucessão de imagens ou outra, que ganham vida própria sobre nossa tela.



no espaço público da rede. Os *permanentes* criam territórios no ciberespaço, presença fixada por lugares onde os outros tomam conhecimento de nossa existência, podem ‘nos’ frequentar, onde há sempre novidades e atrações para serem vistas. *Home Pages* e *Blogs* são como nossa cara/casa na Rede, um conceito de moradia reduzido ao eu, transmutado pelos aspectos que predominam na nova realidade. *Home Pages* são mais formais, se prestam cada vez mais a instituições, empresas, especialmente desde a criação dos *Blogs*.

Blogs ilustram bem a sociabilidade que se estabelece no mundo virtual. Referem-se, no momento, especialmente a jovens com socialização consolidada na rede, consistindo basicamente em formas permanentes de se expor no interior do espaço público virtual, incluindo mecanismos de ‘apresentação’ (perfil pessoal, hobbies, interesses etc) e ‘presença’ (atualização de agendas, humor no dia, pensamentos e opiniões como formas de estabelecer a interação). As formas de apresentação falam de traços pessoais, às vezes muito íntimos, como por exemplo a exposição da ‘agenda pessoal’, esta que foi desde sempre uma espécie de confissãoário.

Para amenizar o excesso de exposição, nomes verdadeiros são substituídos por nomes fictícios pelos quais pessoas, tornadas personagens, circulam pela rede. *Blogs* e *HPs* nunca reinam independentes, são sempre ligados em rede por links em vários outros sites, de forma que o personagem circula por entre estes ‘lugares’, interagindo em textos assinados e/ou referidos ao nome fictício. Muitos *Blogs* têm se definido por temas específicos, fundados por pessoas que desejam interagir a partir de preferências (Chocolatras, amantes de cozinha, fãs da Banda X etc), mecanismos demarcadores de comunidades. Os *Blogs*, assim como as *Home Pages*, possuem janelas interativas, por onde se pode interagir, mandar-receber mensagens, que permanecem à mostra, visíveis a todos.

Sigilo da identidade é uma das marcas das relações instauradas pela Internet. Cada pessoa pode ter tantos *E-Mails* quanto deseja e não há regras de fidelidade entre a pessoa e a forma de apresentar-se no correio eletrônico. Mais uma vez aqui vale o escolhido. Os *Chats* são locais reservados, de certa inviolabilidade, que se organizam segundo motivações estabelecidas de antemão: faixas etárias, preferências diversas, que podem ser um campo de interesse, uma determinada banda, certo programa de TV, os ‘amantes’ da astrologia ou de algum autor especial, ou mesmo de um certo conceito científico ou idéia posta em questão. Praticamente não há salas totalmente imprevistas, onde não domine alguma condição de



permanência fixada a priori. Um motivo, uma razão de ser, orienta os contatos que aí se estabelecem. E essa lógica percorre as relações pela Internet desde encontros em *Chats* até as listas de interesses, e tudo o mais.

A suposta preservação contrasta com absoluta exposição. A instalação de câmeras - *web-cams* - permite a intercomunicação simultânea pelo transporte de imagens entre máquinas conectadas: elas podem estar ligadas em tempo real, entre dois lugares que se interconectam, ou estarem instaladas e permanentemente ligadas a cenas privadas (como exposições eróticas) ou públicas (como a exposição de vias públicas).⁹ As formas concretas de apropriação dessa tecnologia nas suas atuais manifestações mostram a predominância de revelações do mundo privado na sua mais crua intimidade, como modelos humanos que permanecem expostos sob câmeras por todo o dia. A tendência à revelação da intimidade, atração no momento, resvala também para a tela da TV, onde proliferam os *reality shows*.

Comunidades virtuais fundadas no ciberespaço reúnem parceiros que atravessam o planeta e giram em torno a motivações comuns. Como sustenta Bauman, essas formas modificam inteiramente o próprio conceito de ‘distância’, que esvaziada de conteúdo do território físico, passa a significar agora, proximidade afetiva e/ou identitária. Com a abolição do regime de distâncias físicas, podemos estar mais ‘próximos’ a pessoas do outro lado do planeta, de costumes e cultura absolutamente diversos, mas convivendo numa mesma comunidade virtual, do que de nosso vizinho do apartamento da frente. O contexto já não importa, a identidade é a matéria constitutiva dessa nova sociabilidade.

Não se pode esquecer, ademais, a segurança nas relações proporcionada pelo ciberespaço, que vem de encontro a um quadro social marcado pelo crescimento da violência e descontrole pelo poder público. Protagonizar um papel sem correr os riscos corporais, físicos ou existenciais associados à experiência, proteger-se atrás das muralhas da tela, coloca-se como grande alternativa. Mas traz consigo o custo de afastar o prazer do contato corporal das experiências.

O acentramento da rede faz com que a exposição do computador difira da hiperexposição da televisão. A observação marcada pela Internet é definida por um universo

⁹ Web-cams possibilitam estar presente em tempo real a qualquer lugar conectado à rede, abolindo a distância física como condicionante a vivências em tempo real. Esse recurso instaura um sistema de vigilância de proporções gigantescas que já hoje cobre vários territórios de megacidades, mas com potencial de varrer toda a superfície terrestre.



de usuários quantitativamente muito mais amplo, que inclui segmento significativo da população mundial, mas que o acentramento dispersa em milhões diferentes objetos observados simultaneamente. O mundo virtual apesar do imenso potencial de exposição, deve lidar com um grande entrave: o excesso. Como aparecer para uma multidão, se o campo de visão se limita a uma tela? Se deve concorrer com um banco de dados de tamanho planetário? Essas são questões ainda sem respostas, e possivelmente o recurso que alguns encontram para introduzir verticalizações num campo de equivalências tão igualitário como o ciberespaço.

A criação de mitos pela hiperexposição na rede, comparativamente à era da TV é, assim, de outra natureza. Acompanhando a tendência à compartimentação da sociabilidade, aprofunda no que se refere ao nicho criado, permitindo pela ampla circulação de informações, o conhecimento de detalhes e, simultaneamente, superficializa com respeito à variedade de pessoas que passam a se identificar.¹⁰

Apropriar-se do ciberespaço é criar territórios existenciais no seu interior, povoar lugares (criar sites) a partir de identidades definidas; motivações claras têm se destacado como estratégias de apropriação e fundação de locais de encontro e sociabilidade. É impensável na rede, por exemplo, a criação do análogo virtual de ‘praças públicas’, como local encontro de todos, que se define pela abertura a inúmeras e imprevisíveis motivações e portadoras de uma totalidade plural, sem definições a priori.¹¹

Sociabilidade compartimentada, segmentada em grupos de interesse, pode conduzir a empobrecimento da experiência plural e do inesperado. Reforça relações que se situam nos estritos limites do desejo, impedindo a geração de uma alteridade mais ampliada, que admita a variedade e a diferença. Relações com base em conhecimento cada vez mais específico e veloz troca de informações, torna seus membros especialistas em assuntos que, no limite, podem interessar apenas a eles e seus parceiros de sala. Tendem a abolir relações triviais, cada vez mais raras, de superficial convivialidade cotidiana, capazes de acolher um maior número de pessoas, e com o importante papel de ‘horizontalidade’ que equilibra e compensa nosso desejo egóico no domínio da experiência social.

¹⁰ Bandas de Rock, a primeira vista desconhecidos do grande público recebem calorosas homenagens por parte de fãs que mostram um incrível conhecimento da detalhes da vida pessoal de componentes. Já é resultado da socialização da Rede sobre a população mais jovem.

¹¹ Cabe notar que as praças e outros espaços propriamente públicos da cidade, associam possíveis encontros com o desfrute da paisagem, uma condição corporal com o ambiente, que salvo nos recursos sensitivos especiais, o mundo virtual não pode prover. Mesmo assim, o mero vislumbre da paisagem, mesmo reconstruída virtualmente por interfaces, não é capaz, no momento, de marcar a presença.



Em tal contexto, o rigorosamente ‘social’ pode no limite desaparecer, sendo a totalidade resultante dessas ‘ilhas de compartilhamento’ um somatório de coletivos estanques, formados por parceiros, mas com reduzidas possibilidade de trocas entre si.¹² Afasta-se, com isso, a construção de alteridade plural, horizontal, capaz pela diversidade de estabelecer sistemas de compensações emocionais, suavizando a experiência social.

A vida na Internet permite, cada vez mais, que realizemos tarefas do dia a dia e atividades sem sair da casa. O conforto de ‘tudo trazido a nossas mãos’, centralizado a partir de nós, pode ser entendido como uma radicalização do egocentrismo, com conseqüências, novamente, para as formas de lidar com a alteridade - nesse caso sempre afastada, ou lapidada por nós. O fortuito, o inesperado, o imprevisível, o diferente o espontâneo ficam de fora nesse mundo de escolhas que pelo excesso de previsibilidade pode se tornar empobrecido e entendiante.

O ciberespaço não tem se mostrado a encarnação de um gigantesco ‘mundo comum’, plural, local de troca de muitos, como às vezes parece supor Lévy. A sociabilidade que aí se instaura é, ao contrário, marcada pela compartimentação, como o conjunto da miríade de locais de encontro de poucos.

Em que pese igual tendência na atual experiência do espaço social em geral, cabe questionar as possíveis razões dessa fragmentação no âmbito do ciberespaço. Arrisco a explicação de que em meio a tão indefinido e informe espaço, a sociabilidade que se instaura tende a fundar territórios como que marcas ou rugosidades, em forma de singularidades, na lisa e infinita topologia do ciberespaço. Há que selecionar, colher um certo extrato, criar e estabelecer um ponto de parada de fluxos - um lugar, enfim, ‘fincar’ um lugar onde se possa enfim pisar nesse universo móvel e gozar de um instante de repouso.

Bibliografia:

Anderson, Benedict. *Imagined Communities*. Londres: Verso, 1983.

Anderson, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

Bachelard, Gaston. *Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

¹² Em alguns casos localizados, a televisão joga o importante papel de criação de um mundo comum, seja lá o que for, numerosamente mais rica.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Bauman, Zygmund. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

Bourdieu. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

Lévy, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

Sennett, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Thompson, John B. *A mídia e a modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998